

# O imaginário da cidade e do campo na obra de Adolfo Caminha

Manoel Carlos Fonseca de Alencar\*

Pretendo com esse trabalho analisar as representações de natureza, cultura e civilização na obra *No país dos Ianques*, de Adolfo Caminha. Constituído-se como um relato da viagem que o escritor fez aos Estados Unidos na década de 1880, nele podemos compreender o imaginário social sobre a cidade e o campo no século XIX. Ao longo de seu relato ele descreve, compara e julga os ganhos e perdas advindas com o processo civilizatório. De um lado o fascínio pelo progresso dos países desenvolvidos, com suas conquistas técnico-científicas. Por outro lado um repúdio pelo que considerava a degeneração moral advindo com o aprofundamento do processo civilizatório. Tomo como referência a conceito de imaginário da cidade, de Sandra Jatthy Pesavento, e o conceito de perspectiva histórica de Raymond Williams, segundo o qual as visões dos intelectuais devem ser articuladas com a sua experiência histórica e lugar social.

**Palavras-chave:** literatura, imaginário, cidade

## Introdução

A partir da década de 1870 foi marcada por muitas transformações na realidade brasileira, decorrentes da necessidade cada vez mais premente de se adequar a um mundo burguês e liberal que se expandia de forma extraordinária. A *Lei do Ventre Livre* colocava para as elites brasileiras a possibilidade de, em algumas décadas, não contar mais com a mão-de-obra escrava, que tinha sido, até aquele momento, o sustentáculo da economia brasileira.

---

\* Doutorando em História pela UFMG. Professor da FECLESC-UECE.

I intend with this work to analyze the representations of nature, culture and civilization in the book “in the country of the Yankees”, by Adolfo Caminha. Constituting itself as an account of the journey that the writer made to the United States in the 1880s, in this we can understand the social imaginary on town and country in the nineteenth century. Throughout his account he describes, compares and judges the gains and losses from the civilizing process. on the one hand the fascination for the progress

of developed countries, with their technical and scientific achievements. On the other hand, a repudiation for what he considered the moral degeneracy arising with the deepening of the civilizing process. I use as reference the concept of imaginary of city, of Jatahy Sandra Pesavento, and the concept of historical perspective of Raymond Williams, according to which the views of intellectuals should be articulated with its historical experience and social place.

**Keywords:** Literature, imaginary, city

---

As cidades cresciam a olhos vistos, sobretudo as litorâneas, e, com elas, as camadas médias – médicos, professores, advogados, comerciantes etc. – ávidas por alargar sua participação política na fechada estrutura do Império. Alia-se a isso, no dizer de Sílvio Romero, esse “*bando de idéias novas (que) esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte*”: Positivismo, Evolucionismo, Darwinismo e determinismos de toda ordem, climático, social, biológico povoavam o imaginário social dessa geração de intelectuais.

Nesse contexto, Adolfo Caminha foi um dos intelectuais que procurou dar respostas aos dilemas de seu tempo. Civilização, progresso, ciência, cidade, cultura, campo, natureza, raça foram termos que o autor manejava no sentido de compreender e representar o mundo social. Em 1886, ele escreveu um relato inspirado em uma viagem que fez aos Estados Unidos, intitulado *No país dos Ianques*. Através do olhar do romancista podemos vislumbrar a força imaginária com que as noções de progresso e de civilização impunham-se aos intelectuais do século XIX. Ligadas geralmente à cidade, elas norteiam o seu olhar, servem de parâmetro comparativo, determinam o que deve ser visto e como julgar um povo em seus costumes, suas construções arquitetônicas, seu aspecto físico e sua forma de pensar.

Visto por outro prisma, as cidades representavam também o lugar da vertigem, a aceleração, do mundanismo, da degenerescência, representando para estes escritores a face negativa do processo civilizatório. Este mundo urbano é, normalmente, contraposto ao mundo rural, figurado como tranqüilidade, austeridade e estabilidade social. O sertanejo é representado por Adolfo Caminha como um homem natural e espontâneo, confundindo-se com a própria natureza.

A cultura, ou *Kultur*, na acepção alemã, é antídoto contra os descaminhos da civilização, pois representa a essência primitiva, a força selvagem e ingênua que deve fundamentar a construção das nações. Tratava-se, portanto, de aprimorar o processo civilizatório, reformando-o ética e moralmente, a partir das forças primordiais da cultura e da natureza.

Tal posicionamento do intelectual Adolfo Caminha deve ser entendido levando em conta experiência e perspectiva histórica, pois estas iluminam a construção imaginária da realidade em sua volta. Tais representações sociais sobre a experiência urbana e sobre o mundo rural são parte de lugar social ocupado pelo escritor, no amplo espectro dos sujeitos que viviam na realidade do século XIX. Elidido esse lugar, perde-se a compreensão da complexidade das representações sobre o campo e a cidade, nesse século de profundas transformações na realidade brasileira e global.

## *Literatura, civilização e ciência em Adolfo Caminha*

A viagem que Adolfo Caminha fez aos Estados Unidos em 1886, a bordo do navio Barroso, é relatada em seu livro *No país dos Ianques*. Ele foi publicado em 1890, em Fortaleza, no *Diário do Ceará* e, em 94, é enfeixado em volume, no Rio de Janeiro. Esse relato de viagem pode ser tomado como o registro do contato de um intelectual da periferia do capitalismo com uma nação que já apresentava um significativo avanço técnico-industrial, segundo Hobsbawn.<sup>1</sup> Acresce-se o fato de que os Estados Unidos serem freqüentemente citados pelos intelectuais brasileiros como exemplo de nação moderna, pois era o país americano que já fora uma colônia e, conquistando a sua independência pioneiramente, figurava como uma república rica e progressista.

O relato foi escrito em um período de grande euforia do meio letrado com o progresso técnico-industrial das nações ditas mais evoluídas e da necessidade premente que os intelectuais viam de o Brasil, imerso no atraso de uma herança rural e monárquica, sintonizar-se com os alarmas dos novos tempos.

---

<sup>1</sup> HOBBSAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz & Terra, 1982.

No prefácio do livro, depois de definir uma vinculação com o naturalismo, através da inspiração de Taine, Adolfo Caminha afirma: “Os poucos meses que passei nos Estados Unidos apenas me proporcionaram o ensejo de admirar, através de um prisma todo pessoal, o progresso assombroso desse extraordinário país.” Ele estava ansioso para chegar “ao país maravilhoso dos Ianques, ao berço da eletricidade”, “(...) conhecer *de visu* o celebrado país das descobertas engenhosas.”<sup>2</sup>

O realismo-naturalismo, corrente estética seguida por Adolfo Caminha, não foi um pensamento isolado, mas fez parte do imaginário social que esteve presente entre os intelectuais do último quartel do século XIX. Nele se ligavam, num estranho amálgama, concepções políticas, filosóficas, médicas etc. A sua característica mais marcante, que se colocava como renovador, é ter erigido a ciência como conhecimento objetivo e imparcial e, por isso mesmo, superior às demais formas de saber. O saber científico propiciaria os elementos para o Brasil ingressar em uma nova ordem e os intelectuais se incumbiram da tarefa de serem os seus divulgadores em terras tropicais. A palavra ciência aparecia com tanta recorrência os letrados a usavam de forma tão fervorosa, que ela assumiu deveras as feições de um culto. Eram eles seus pregadores e a palavra professada, uma verdade sublime e indiscutível.<sup>3</sup>

Taine, citado na passagem acima, foi um dos autores que inspirou uma voga de escritores cientificistas. Junto à Buckle, Darwin, Spencer, suas idéias da determinação do meio sobre comportamento humana informou o pensamento social de uma plêiade de escritores, que a partir da década de 1870, passaram a utilizá-las em um amplo conjunto de escritas, desde estudos antropológicos, às obras ficcionais. Tendo seu foco na Escola do Recife e na Academia Francesa, do Ceará, o naturalismo propalava a idéia de que somente através da ciência se renovariam as idéias preponderantes à época<sup>4</sup> Segundo acreditavam, o Romantismo foi a estética do período monárquico e a ele associavam o artificialismo e

---

<sup>2</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No país dos Ianques*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, p. 116

<sup>3</sup> RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>4</sup> Consultar: CÂNDIDO, Antônio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988; AZEVEDO, Sânzio de. *A Academia Francesa do Ceará (1873-1875)*. Fortaleza: Casa José de Alencar; Universidade Federal do Ceará, 1971.

uma visão exótica do país, ligando-o também a uma estrutura social própria do império: excludente e nobiliárquica. Apenas a ciência seria capaz de produzir uma visão mais real do país, e a ela os naturalistas aferraram-se, tornando-a não apenas um referencial de análise social, mas uma ferramenta política de crítica e transformação da realidade.

Foram os membros da Academia Francesa que introduziram no Ceará essa leitura científicista que dali em diante se tornaria uma lente através da qual os letrados procuraram interpretar a realidade local. Uma breve análise do jornal *Fraternidade*, escrito no Ceará entre nos anos de 1873 a 1875, pela Academia, permite a compreensão do científicismo como um pensamento compartilhado por um conjunto de intelectuais. Através de revistas, de palestras proferidas na *Escola Popular*,<sup>5</sup> e de uma vasta produção ficcional e científica, divulgavam suas ideias, tentando fazê-las um referencial mais adequado no entendimento do atraso do país. Certamente, essas idéias são parte de um imaginário social presente entre uma geração de intelectuais, possibilitando situar Adolfo Caminha numa constelação de autores que a partir de 1870 elaboraram uma leitura comungada do mundo social.

A marca mais fundamental da Academia Francesa<sup>6</sup> foi o científicismo. Essa crença desmedida na ciência tem um conjunto de desdobramentos nas leituras e posturas desses intelectuais diante da realidade brasileira. Legitimados pela ciência, eles justificavam suas posições contra o poder estabelecido, em prol de uma nova ordem. Segundo eles, a República era um estágio mais avançado que a Monarquia. Nesse sentido, as elites imperiais estavam impedindo o desenvolvimento natural das coisas. Era necessário negar essas elites, e a história estaria do lado de quem as negasse. O evolucionismo e o positivismo foram as teorias nas quais se baseavam para legitimar essa visão. A história tende a progredir, a humanidade a se aperfeiçoar, tudo estava submetido a uma lei geral da transformação onde os estágios se sucedem num *continuum*. Negar essa linha evolutiva

---

<sup>5</sup> A Escola Popular foi fundada pela Academia Francesa e consistia na prática de promover palestras abertas ao público geral. Entre seus palestrantes mais conhecidos está Capistrano de Abreu, que ali comunicou seus primeiros artigos.

<sup>6</sup> Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, Thomás Pompeu Filho, Antônio Bezerra, João Cordeiro, entre outros – em sua maioria, egressos das tradicionais famílias locais – fundaram em 1873 o periódico chamado *Fraternidade*, através do qual veicularam suas concepções de política, ciência e filosofia.

era negar a ciência e a ordem natural das coisas. Impregnado de uma linguagem científica, num dos artigos do *Fraternidade*, se afirma: “*Resulta de tudo que a imobilidade é uma negação da vida, na ordem physica e na ordem moral*”. No mesmo artigo, logo à frente: “uma verdade agora foi o absurdo d’outrora, e vice-versa; tudo pela lei fatídica das transformações, pela qual a vida vegetativa se dá a agregação e a desagregação das moléculas; na vida intellectiva igual phenomeno, entre os atomos da sciencia humana.”<sup>7</sup>

Como fica claro, a sociedade comporta leis semelhantes às leis do mundo natural. Transplantadas as leis da natureza para a sociedade, a conclusão era de que, se na natureza existia uma constante transformação em direção ao aperfeiçoamento, da mesma forma a humanidade se aperfeiçoaria através de uma linha evolutiva, em direção ao progresso e à civilização.

August Comte<sup>8</sup> e sua teoria dos três estágios – teológico, metafísico e positivo – caiu como uma luva nos seus anseios de mudança. Até aquele momento o Brasil vivia sobre o estágio metafísico, ligado aos valores religiosos e monárquicos. Caberia aos homens de ciência lutar pela instauração de uma nova ordem – o estágio positivo – em que vigorasse os valores da ciência e da verdade, que “...*representa a idade madura sem as illusões dos primeiros annos...*”<sup>9</sup>. Assim, esses intelectuais acreditavam que o século XIX era, por excelência, o século da ciência. “*O século XIX teve felizmente a glória de descobrir a lei progressiva dos povos e de lançar as bases para a religião universal e talvez eterna – o culto da sciencia e a veneração do genio*”<sup>10</sup>.

Angel Rama atentou para fato de que, em territórios americanos, nesse período de negação dos valores conservadores, ligados ao Império e à Igreja, a ciência tomou foros de religião, substituindo-a como verdade inquestionável. Dentro dessa nova conjuntura “*competia às cidades dominar e civilizar seu contorno, o*

---

<sup>7</sup> *Fraternidade*. Fortaleza, 30 de junho de 1874, nº 32, Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, rolo 151.

<sup>8</sup> August Comte (1798-1857). Filósofo francês, fundador de uma das mais importantes escolas filosóficas dos séculos XIX e XX: o positivismo. Sua doutrina teve grande influência na implantação da república no Brasil. A divisa da bandeira brasileira ‘Ordem e Progresso’ é comtiana.

<sup>9</sup> *Fraternidade*. Fortaleza, 18 de novembro de 1873, nº 3, *Op. cit.*

<sup>10</sup> *Fraternidade*. Fortaleza, 21 de julho de 1874, nº 35, *Op. cit.*

que primeiro se chamou ‘evangelizar’, e depois ‘educar.’”<sup>11</sup> O saber científico, então, propiciaria os elementos para o Brasil ingressar em uma nova ordem e os intelectuais da Academia Francesa se incumbiram da tarefa de serem os seus divulgadores em terras tropicais. A palavra ciência aparecia com tanta recorrência no jornal *Fraternidade*, os seus membros a usavam de forma tão fervorosa, que ela assumiu deveras as feições de um culto, sendo os intelectuais, os seus pregadores, e a palavra professada, uma verdade sublime e indiscutível.

Essa crítica, entretanto, não se resumia apenas à política e à economia, compreendia toda uma visão de mundo na qual se assentavam as estruturas do Império, cujo representante maior era, na literatura, o Romantismo. Em prol da ciência e do pensamento crítico esses intelectuais se colocaram em campo oposto ao Romantismo. Segundo eles, o Romantismo era um pensamento idealista e conservador, contrário às novas idéias do século, que exigia uma visão mais realista e positiva. Na verdade, o Romantismo se apresentava como a estética oficial do Império, estando intimamente ligado ao poder. Desta forma, uma nova mentalidade teria que insurgir-se contra aquela que tinha sido a base ideológica do poder monárquico. Não é de se espantar que foi no Nordeste, sobretudo no Recife e no Ceará, onde despontou essa tendência crítica que mais tarde daria forma ao naturalismo brasileiro. Nicolau Sevcenko aponta as diferenças entre as novas tendências realistas e as românticas, tentando nos mostrar a relação entre o saber e as estruturas sociais na seguinte passagem:

O romantismo representou bem um modelo de sociedade estável, mantida sob um sistema homogêneo de autoridade, como o do II Reinado do Brasil. Supunha por isso um sistema único de valores e uma perspectiva de contemplação social privilegiada e também exclusiva, que é a que se orienta do topo em direção à base da pirâmide... Já o realismo e naturalismo representam a sociedade multifragmentada, em que, havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se vêem encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular.<sup>12</sup>

Vale acrescentar que o Imperador figurava como um grande mecenas das artes brasileiras, mantendo ao seu lado um círculo de eleitos. Fora desse círculo

---

<sup>11</sup> RAMA, Angel. *Op. cit.*, p.37

<sup>12</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 227

era quase impossível conquistar prestígio e reconhecimento nas letras. A própria corte mantinha um poder absorvente sobre a criação literária, em razão do patrocínio do Imperador e de ter sido a cidade que, na época, apresentava um ambiente urbano e cosmopolita, mais propício a disseminação da obra de arte.<sup>13</sup> O que gerava uma revolta por parte dos intelectuais provincianos, pois se nas capitais de suas províncias encontravam sérios entraves à realização artística, no Rio de Janeiro se deparavam com uma estrutura fechada, onde era pequeno o espaço para a promoção de novos talentos<sup>14</sup>. Não é outra a razão pela qual os intelectuais cientificistas se voltaram contra o Império e o Romantismo, acusando este último de ter formulado uma interpretação superficial da realidade brasileira. As teorias cientificistas, que aqui chegavam importadas da Europa, não só legitimavam seu ideário republicano e transformador, como faziam desse ideário uma verdade inquestionável, pois estava baseado no pensamento científico. O seguinte trecho do jornal *Fraternidade* resume o que quero dizer:

O sentimentalismo vago e indefinido, o misticismo beato e o romantismo religioso que tantos males tem produzido a civilização e ao livre desenvolvimento dos povos vão sendo substituídos pelos conhecimentos uteis a vida, pela aplicação das faculdades intellectuales a industria e ao comercio graças a diffusão das sciencias positivas<sup>15</sup>

Essa nova postura levou mais tarde ao que os escritores chamaram de “retratar a cor local”, ou melhor, uma pesquisa mais profunda da realidade específica das várias regiões do país, que levasse em conta os elementos condicionantes da cultura. Podemos encontrar aí o forte elemento regional que iria marcar a literatura naturalista, já que exigia do escritor um contato mais direto com a realidade que ele pretendia retratar em seu romance.<sup>16</sup> Essa vontade de dar visibi-

---

<sup>13</sup> Vale acrescentar que a produção e a circulação dos romances, nesse período, se restringiam, quase que exclusivamente, ao Rio de Janeiro, sendo muito parca nas províncias do Brasil. Isso se deve, sobretudo, a dois fatores: em primeiro lugar, era muito pequeno o público leitor nas províncias e, enfim, porque as formas de impressão eram muito precárias.

<sup>14</sup> BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

<sup>15</sup> *Fraternidade*. Fortaleza, 6 de outubro de 1874, nº 42, p.2. *Op. cit.*

<sup>16</sup> Essa foi a crítica que foi feita por Araripe Júnior a José de Alencar com respeito ao seu romance “O sertanejo”. Segundo Araripe Júnior, José de Alencar pecava pela pouca observação da paisagem e dos costumes do Sertão. Ver: VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polémicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. e LANDIM, Teoberto.



lidade às paisagens e aos tipos regionais já estava presente no Romantismo, mas não exigia do escritor um senso de observação que levasse em conta a força com que o meio determinava o caráter dos indivíduos. Essas paisagens e esses tipos regionais presentes no romance romântico cumpriam a função de diferenciação, tão presente na preocupação nacionalista desse estilo<sup>17</sup>; inclusive, religavam as elites – que tinham suas riquezas provenientes da agricultura, mas que residiam na corte – com suas bases rurais. Contudo, no Romantismo, esse “regionalismo” não tomou as cores de um autêntico localismo, ou seja, da conformação de uma identidade local diferenciada das outras regiões do país. A Academia Francesa já criticava também o excesso de convencionalismo romântico, que estava eivado de um artificialismo ao retratar as realidades locais. Segundo eles, por mais que os escritores românticos dessem vazão aos tipos regionais, partiam de um molde universal na estruturação da ficção, de forma que a trama dos romances românticos reproduzia uma convenção universal e os tipos e as paisagens regionais entravam apenas como pano de fundo<sup>18</sup>.

Não é simples compreender como letrados tão marcados pelas idéias de civilização, importadas da Europa, voltem-se contra o Romantismo exatamente por este ser um produto estrangeiro. Caberia ao Brasil, segundo essa intelectualidade, livrar-se das amarras do passado rural e monárquico e ingressar de vez em uma sociedade industrial e republicana. E isso só se daria se, como a própria Europa mostrava, uma visão comprometida com o progresso finalmente vingasse em terras tropicais. Então, era o próprio pensamento europeu que daria os subsídios para o Brasil superar a sua condição de dependência e ombrear as grandes nações modernas em civilização e progresso.

Então, isso que os escritores naturalistas chamavam de retratar a cor local, essa procura pelos traços particulares que definem um povo e seus costumes, e que fossem contrários à noção vaga e superficial do Romantismo, deu-se por

---

*Seca: a estação do inferno*. Fortaleza, UFC/Casa José de Alencar, 1992.

<sup>17</sup> NAXARA, Capelari Márcia Regina. *Sobre campo e cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP-IFCH, 1999.

<sup>18</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997 e PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

uma pesquisa da interação do homem com o meio. Ou melhor, da determinação desse meio nas ações dos homens, condicionando seus modos de vida. Esse cientificismo determinou uma releitura da nacionalidade brasileira com um forte caráter reformador. Contrários ao saudosismo passadista dos românticos, os naturalistas tinham o seu olhar lançado sobre o futuro, na busca da instauração de uma sociedade liberal e moderna no Brasil<sup>19</sup>. O que, então, levou os naturalistas a definir uma identidade nacional e local a partir de parâmetros ainda rurais, enxergando nos modos de vida do sertão os elementos a serem preservados como atestados de nossa peculiaridade e diferenciação?

Essa era mais uma das ambigüidades da sociedade moderna. Se por um lado ela tende a se universalizar, exportando/importando produtos, modos de vida e valores; por outro, causa nas nações um forte desejo de diferenciação que parta de elementos que se encontram fora do espaço mais característico dessa universalização, ou seja, a cidade. Adolfo Caminha, em seu artigo escrito já no Rio de Janeiro para a Gazeta de Notícias, intitulado “Nativismo ou Cosmopolitismo?”, toma a defesa do primeiro ao escrever:

Admite-se que o artista educado na capital do Brazil, onde a vida é a mesma de todas as grandes capitães, escolha de preferencia temas complicados de psychologia, ou deixe-se influenciar pelos modelos da França, dando uma obra falsa, imitada, sem originalidade, sem côr propria, e o fato não é raro; porque num meio cosmopolita como esse, elle perde, inconscientemente, as qualidades caracteristicas de brasileiro: a arte sae-lhe torturada, não exprime emoções verdadeiras(...) Mas, o provinciano, que desconhece a tumultuosa agitação dos grandes centros, que vive lá no coração de sua patria, identificado com o viver do povo em com a natureza, é sempre original e verdadeiro, porque descreve o que viu e sentiu, communica-nos a impressão que directamente recebeu; é, por força, um nativista, um producto do meio nacional. <sup>20</sup>

Isso porque as cidades são o palco da estandartização do modo de vida burguês e nelas se reproduzem de uma forma impressionante os valores globais da burguesia; o que as torna muito parecidas uma com as outras. Assim, ao procurar uma identidade que possa conformar o povo cearense, esses intelectuais

---

<sup>19</sup> Ver: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

<sup>20</sup> CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Typografia Moderna, 1895. p.42

não a encontraram na cidade, mas no sertão. Esses são movimentos paralelos, carregados de tensões e ambiguidades: de um lado, a universalização do modo de vida burguês, urbano e industrial, de outro, a ânsia de uma diferenciação, só possível através de elementos que estão fora desse mundo que tende cada vez mais a se expandir e superar os outros modos de vida.

## *Civilização e urbanidade no imaginário social do século XIX*

Na segunda metade do século XIX o capitalismo expandiu-se de forma extraordinária e com ele todo um modo de vida e imaginário burguês. Esse processo pareceu inexorável àqueles que o assistiram. Aos países que estavam na periferia do capitalismourgia “acertar os ponteiros” e se colocar lado a lado dos países que figuravam como exemplo de progresso e civilização.<sup>21</sup> Foram as cidades que concentraram essa gama de valores em torno do progresso e da civilização porque foi em suas malhas que se instalaram as indústrias e que passaram a residir as elites burguesas. Elas se queriam de uma aparência grandiloquente. Expunham novos símbolos que significavam a grandeza e o poder de uma nova classe, um novo sistema, uma nova forma de organizar a vida. Caminha sentia-se maravilhado com sua visita a Nova York, embevecido, como numa ânsia de ver as cidades brasileiras mostrarem-se tão imponentes e majestosas. De cima da ponte do Brooklin, estupefato, ele contempla os ganhos do progresso. O olhar é de admiração, é de estranhamento frente ao novo, frente às conquistas do homem, do homem e seu poder, o poder da ciência.

E punha-se na embriaguez do grandioso, a pensar no progresso dos Estados Unidos, desse país modelo, onde tudo move-se por meio de eletricidade e vapor, onde tudo é feito às carreiras, num abrir e fechar de olhos, sem a menor perda de tempo; vinha-me à imaginação escandecida as descobertas de Franklin, de Fulton e de Edison, as maravilhosas experiências sobre o telégrafo, sobre o telefone e sobre o fonógrafo, e eu repetia com os meus botões, mergulhando o olhar na distância, abarcando a cidade inteira:

- Grande país. Grande povo, gente feliz, que sabe compreender a vida e amar a pátria.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> NEVES, Margarida de Souza. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991

<sup>22</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação... op. cit.*, p. 164

O processo civilizatório englobava amplos aspectos da realidade social. O próprio traçado urbano é passível de ser qualificado em um dos lados da linha que separa a civilização da barbárie. Ao se referir tanto à ilha de Barbados como à cidade de Anápolis, Adolfo Caminha ressalta as ruas estreitas, mal calçadas, desalinhadas, como sinais destoantes daquilo que considera civilizado.

Haussmann foi o responsável pelo grande bota a baixo na cidade de Paris, no Império de Napoleão III.<sup>23</sup> A intervenção autoritária feita pelo prefeito de Paris no traçado urbano - alinhando, nivelando e alargando as ruas do centro - destruindo todos os cortiços e velhos casarões e levantando em seu lugar uma fachada moderna e glamorosa, passou a ser a referência de urbanidade e civilização, almejada pelas autoridades dos países periféricos como atestado de que suas capitais acompanhavam os novos tempos. Walter Benjamin denominou Paris a “capital do século XIX”. Segundo Sandra Jatahy Pesavento:

Entendemos, todavia, que se Paris se constitui no paradigma da cidade moderna, metonímia da modernidade urbana, isso se deve, em grande parte, às forças das representações construídas sobre a cidade, seja sobre a forma de uma vasta produção literária, seja pela projeção urbanística dos seus projetos, personificados no que se chamaria ‘haussmanismo’.<sup>24</sup>

Pereira Passos foi o responsável pela intervenção urbana no Rio de Janeiro, em 1904, inspirada em Haussmann e pelo bota a baixo nos cortiços do centro.<sup>25</sup> Já em 1875, Adolfo Herbster reformou a malha urbana – inspirada em Haussmann – que tornou as ruas de Fortaleza mais *largas, espaçosas e compridas*, com traçado em xadrez. Anos depois, a Rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, pretendia cumprir a função de fazer do centro de Fortaleza um importante ponto comercial, sem ofender o “requinte” da burguesia local.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> Conferir: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias sobre o urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1999.

<sup>24</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. cit.*, p. 31

<sup>25</sup> Ver: CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996; CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

<sup>26</sup> PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

Como as cidades eram o cartão-postal desses países, foi sobre elas que incidiu o esforço das autoridades locais no sentido de aformoseá-las. Nesse sentido, em todo o relato de Adolfo Caminha está presente um paradigma comparativo. Ao se deparar com determinadas imagens urbanas, remete-se ao Brasil, normalmente para mostrar o atraso de nosso país. Não à toa Adolfo Caminha ressentia-se ao ter que falar dos “*inconvenientes do nosso beco*”, ao referir-se à Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Comparada a Canal Street, avenida principal de Nova Orleans, a Rua do Ouvidor parecia-lhe muito atrasada.

Devemos atentar para o fato de que o novo traçado da cidade não atendia apenas aos anseios de embelezamento. Ele facilitava o trânsito mais eficaz de mercadorias. Além do forte caráter ordenador: evitava motins e afastava os pobres do centro da cidade, através da valorização imobiliária dos terrenos e dos códigos de postura que exigiam um determinado figurino de difícil acesso às camadas populares.<sup>27</sup>.

Esses parâmetros de civilização incidiam acima de tudo sobre as avenidas centrais. Walter Benjamin as considerava uma alegoria da sociedade moderna, pois concentravam de forma impressionante os símbolos do capitalismo, que tem por essência a troca de mercadorias. Essas avenidas tumultuadas, repletas de casas de comércio, representavam incontestavelmente a sociedade do trabalho e do capital, nesse período avassalador de generalização dos modos de vida burguês e liberal, capitaneada pelo imperialismo das nações do centro do capitalismo.

Desta forma, Adolfo Caminha sempre oferece especial destaque à descrição dessas avenidas, procurando sublinhar o seu cotidiano movimentado, pessoas indo e vindo, veículos repletos de mercadorias, a euforia, o lufa-lufa, a roda-viva dessas grandes capitais, centros comerciais, por onde escoam produtos, seja para ser exportados ou distribuídos internamente.

As ruas longas e direitas, cruzam-se geometricamente e distinguem-se pela numeração (Fourteen street, Fifteen street etc.).

A Broadway é o centro comercial, a rua de maior movimento cotidiano – equi-vale à City de Londres.

Aí é que os carros se atropelam, que os transeuntes se abalroam numa confusão burlesca e indescritível de que a nossa Rua do Ouvidor não dá sequer

---

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 1998.

a menor idéia. Negociantes, capitalistas, banqueiros, corretores, operários e vagabundos acotovelam-se, empurram-se, pisam-se os calos e vão seguindo adiante, sem olhar para a trás, carregados de embrulhos, suando num verão, que costuma ser muito forte em Nova Iorque. A gente vê-se abarbada, para romper aquela multidão cerrada, compacta e egoísta.

Um cosmopolitismo sem igual em parte alguma.

Americanos, ingleses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, gente de todas as nacionalidades (...) confundem-se nas ruas de Nova Iorque, enchendo-as em ondas sucessivas e tumultuosas, como em dias de carnaval no Rio.<sup>28</sup>

Nessa passagem encontramos todos os elementos para discutir um fenômeno que muito inquietou os observadores do século XIX: a multidão. O ritmo frenético, a impessoalidade de pessoas transitando, umas sem conhecer as outras, numa diversidade de nacionalidade e de classe; os destinos desencontrados, os encontros casuais e fortuitos, dados por um relance do olhar, por um atropelo no meio da rua movimentada, numa aparente desorganização, tudo formando uma massa “*cerrada, compacta e egoísta*”, subjazem o cotidiano da metrópole moderna.<sup>29</sup>

Esses homens sem face, sem aura, perdidos no meio de um sem sentido de suas vidas, estão unidos na verdade, segundo Walter Benjamim, por fios invisíveis: a produção e reprodução da sociedade capitalista, que tudo transmuda em lugar vazio, o mundo alienado e reificado da forma-mercadoria.<sup>30</sup>

Adolfo Caminha tenta se colocar como *flâneur*, como observador imparcial no meio da multidão, mas é arrebatado pelo ritmo convulso da vida na metrópole moderna, a ponto de afirmar: “Eu, por mim, confesso que Nova Iorque produzia-me vertigens. O desejo imoderado de tudo ver, de tudo observar, de tudo saber, trazia-me uma inquietação contínua, tirava-me o sono, arrebatava-me todas as comodidades, torturava-me o espírito de análise.”<sup>31</sup>

É uma atitude mista de fascínio e repúdio. Se tudo o tornava maravilhado, ele se sentia incapaz de desvelar a razão que ordenava os destinos aparentemente desencontrados dos passantes. O observador-espectador colocou-se no meio do

---

<sup>28</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação...*, *op. cit.*, p. 165

<sup>29</sup> Consultar: BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>30</sup> BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*

<sup>31</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação...*, *op. cit.*, p. 163

turbilhão da multidão e do elenco variado e multiforme de mercadorias expostas nas vitrines e se sentiu como outro passageiro qualquer.<sup>32</sup>

Mas, no dia anterior, quando Adolfo Caminha chegou à Nova Iorque, era domingo. O cenário da cidade era completamente outro, bem diferente daquele de um dia de trabalho. Os armazéns fechados, as praças e ruas abandonadas, o silêncio descansado nos telhados, o olhar se prolongando até se perder no horizonte da rua larga e plana, dava mesmo a impressão de que um dos maiores centros de comércio dos Estados Unidos era na verdade uma cidade fantasma.

Toda a gente deserta para os arrabaldes, as ruas, muito largas e compridas, permanecem ermas e cheias de silêncio, entregues à vigilância dos *policemen*. Todas as casas comerciais, todos os armazéns, todas as fábricas, todos os estabelecimentos públicos, conservam-se fechados e taciturnos, como numa cidade abandonada.<sup>33</sup>

A velocidade com que se modificou a paisagem de um dia para o outro impressionou o nosso escritor. A sociedade moderna, baseada na produção desenfreada da mercadoria apresentava-se como uma extensão do sistema de fábrica. Desta forma, submetia o cotidiano da metrópole aos ritmos resultantes da produção e reprodução do capital. Sem a circulação da mercadoria Nova Iorque “perdeu a vida” e se mostrava como uma cidade fantasma. Nesse sentido, segundo Foot Hardman: “(...) o espaço urbano da grande metrópole assume ele próprio a figura de uma aparição; pintores e literatos, a partir pelo menos de 1830, passaram a esboçar os traços dessa cidade fantasma (...) resultantes de uma dialética entre o aparecer e o desaparecer.”<sup>34</sup>

## *As exposições universais: espetáculos da civilização*

Depois de deixar Nova Iorque, o Barroso aportou em Nova Orleans, na ocasião da Exposição das Três Américas. As exposições universais tiveram o seu período áureo na segunda metade do século XIX. Através delas os países

---

<sup>32</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imaginário..... *op. cit.*

<sup>33</sup> CAMINHA, Adolfo. Tentação..., *Op. cit.*, p. 160

<sup>34</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Cia das Letras. 1988, p. 29

expunham o seu avanço técnico e podiam figurar como um país desenvolvido entre as outras nações. Elas nos mostram o fascínio que o século XIX nutria pelo sistema fabril e a necessidade premente que os países periféricos impunham-se no sentido de acompanhar o progresso das nações ditas mais avançadas. Sendo a primeira Exposição Universal realizada em Londres em 1851, onde foi construído o exuberante Palácio de Cristal, a partir daí várias exposições internacionais e locais foram organizadas. Segundo Foot Hardman:

Não se podia passar incólume ante o espetáculo das forças produtivas concentradas nesses espaços. A figura típica com que se faz parecer a sociedade capitalista – como uma ininterrupta coleção de mercadorias –, segundo a forma descrita por Marx nas primeiras linhas de *O Capital*, adquiria nas exposições, mesmo muito antes dos hipermercados, concretude exemplar.<sup>35</sup>

Já em 1866, foi organizada uma exposição, levada a cabo pelas elites locais, com o objetivo claro de mostrar o Ceará como uma das províncias “antenas” com os novos tempos. Foi apenas umas das tantas organizadas pelas elites nacionais no final do século XIX e início do XX. Com a intenção, mais do que apenas fazer um levantamento das forças produtivas do país, procuravam estimular o desenvolvimento do moderno sistema de fábrica. Ou melhor, elas eram um apelo em prol da industrialização do país. É ainda Foot Hardman, ao analisar os discursos das elites brasileiras em ocasião das exposições nacionais, que mostra o enfoque todo especial desses discursos ao falarem da produção mais de ponta de nossa economia, já que nas exposições figuravam as mais diversas áreas de produção e conhecimento do Brasil.

Não obstante todo o esforço das elites nacionais em colocar o país ao lado de outros mais progressistas, Adolfo Caminha se constrange perante o lugar que o Brasil ocupa na Exposição das Três Américas. Ao comparar as posições que o Brasil e os Estados Unidos ocupam no coreto das nações, fica patente o lugar ocupado por nosso país em contraponto ao ocupado pela nação Ianque.

Amostras de madeira, café em grão, fumo, artigos de borracha, constituíam os principais produtos brasileiros expostos à curiosidade dos visitantes de quase todas as partes do mundo civilizado. O pavilhão do Brasil deixa-se ficar num plano inferior aos das outras nações, como se fôssemos um pobre país, cujos produtos não valessem a pena ser expostos num certame internacional.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> *Idem*, p. 51

<sup>36</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação...*, *op. cit.*, p. 140



Outro lugar parece ocupar os Estados Unidos, que já se mostrava um proeminente país com respeito à produção de artigos industrializados. Mais uma vez Adolfo Caminha ressalta o imaginário que a produção fabril exerceu sobre os homens século XIX.

Escusado, parece, falar do importante lugar que coube aos Estados Unidos. Que profusão de máquinas e instrumentos industriais de invenção puramente americana! Ali mesmo, à vista do observador, fabricavam-se os mais curiosos objetos de fantasia e de uso doméstico; o linho, o algodão, a seda – eram tecidos rapidamente aos olhos de todos.<sup>37</sup>

Desta forma, Adolfo Caminha deixa muito claro, naquele momento, a divisão internacional do trabalho, em que alguns países concorrem com produtos industrializados e outros com produtos primários. O que, para ele, era uma realidade lamentável, como se o Brasil estivesse em falta e atraso em relação às nações desenvolvidas.

A passagem nos faz pensar também nas fantasmagorias a que se refere Walter Benjamin. As máquinas funcionando sozinhas, como se tivessem vida própria, sem nenhuma mão humana a operá-las. Elas tornam ainda mais sintomáticas as relações fetichistas que separa os produtores de seus produtos. Encobrem o trabalho humano que está implícito na feitura de qualquer produto.

Para além de elementos ligados puramente à produção de mercadorias, nos diz Pesavento:

As exposições foram também elementos de difusão/aceitação de imagens, idéias e crenças pertinentes ao ethos burguês. Nesse sentido, elas procuravam passar a noção de que o progresso era necessário e desejável, o capitalismo provoca o bem-estar, a fábrica era o lugar da harmonia e não do conflito...<sup>38</sup>

Alguns dias depois Caminha resolveu visitar novamente o lugar onde tinha se realizado a exposição. E para seu espanto: “*Nada mais restava se não o esqueleto nu do edifício em via de demolição. Todos os objetos tinham sido tirados com assombrosa rapidez*”. Esse fato nos remete, mais uma vez, às cidades fantasma, estudadas por Foot Hardman. Todo aquele exibicionismo burguês,

---

<sup>37</sup> *Id. Ibidem*

<sup>38</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. P. 115

todo o alvoroço de pessoas indo e vindo, todo o fascínio pelo prédio suntuoso da exposição e, de repente... sumiu. A forma efêmera e provisória da modernidade, com sua compulsão doentia pelo novo, que não é se não o sempre igual do fetiche-mercadoria, se apresentava ali de forma visível e alegórica. O espetáculo das exposições se repetiria outras vezes, com outros figurinos, outros palcos, até com cenas muito diferentes, mas o enredo seria o mesmo.

## *A raça: um conceito que não pode ser esquecido*

Já tudo aquilo que fugia ao espectro do que era considerado civilizado, era logo taxado pelo autor como barbárie. Para Adolfo Caminha havia uma linha nítida que separava a civilização da barbárie. A primeira ligada à técnica, ao progresso, à urbanidade, à educação, ao refinamento, aos bons valores morais, diretamente emanados do homem branco. A segunda, relacionada ao atraso industrial, aos maus hábitos, à ignorância etc.

Antes de chegar aos Estados Unidos, o navio Barroso margeou a costa da América Central, aportando em algumas cidades. Durante toda a sua viagem, Caminha vai relatando e definindo o que, para ele, podia ser considerado como civilizado ou como bárbaro, a esses dois conceitos ligando costumes, formas arquitetônicas, fisionomias das cidades etc.

Quando o Barroso chegou à ilha de Barbados, uma das colônias inglesas na América Central, o escritor espantou-se: "...parece realmente um país semibárbaro aquele...", com uma "... medonha horda de capadóciós, ou que melhor nome tenham esses turbulentos demônios." Quando define a raça daquela população, seu juízo se faz mais claro. Ele escreve: "A população, na maior parte negra, é composta de gente de baixa classe e geralmente intratável".<sup>39</sup>

Assumindo abertamente o discurso civilizatório, Adolfo Caminha sempre se refere aos negros como bárbaros. Em outro momento do relato, quando o Barroso aporta em Anápolis – uma cidade do sul dos Estados Unidos com grande presença de negros ex-escravos – o autor liga novamente o atraso e a barbárie à presença dos negros.

Anápolis é como uma nota dissonante na civilização americana. Imagine-se um quilombo africano, uma grande aldeia cortada de ruas desiguais, estreitas

<sup>39</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação...*, *op. cit.*, p. 124

e desalinhas, com um aspecto sombrio e detestável de velho burgo colonial, onde se move uma população na maior parte negra e atrasadíssima – e ter-se-á essa antítese da cidade moderna.<sup>40</sup>

O cientificismo, de que Adolfo Caminha era um dos propugnadores, e suas teorias raciais imputavam aos negros todo o atraso de um país. Vivendo em condições miseráveis, estigmatizados pela sua pobreza, morando em barracos ou choças, perambulando seminus pelas ruas da cidade, seu modo de vida destoava em muito do modelo do homem civilizado. Se um país não era civilizado, para esses cientistas letrados, se devia, acima de tudo, ao fato ter uma população negra e mestiça, propensa à preguiça e ao crime. Pesavento ao analisar o pensamento racial no Brasil afirma:

A geração de 70 e toda a vaga de realismo-cientificismo lançava em rosto dos nacionais uma “espécie de pecado original”, que se perpetuava na mestiçagem. Que fazer com um país caboclo, mestiço, atrasado? Se fosse possível nascer de novo, do ‘lado certo’ do universo, e alinhar-se junto as nações de primeira linha que chamava o que se consagrava chamar a “civilização ocidental cristã”, branca, tecnificada, culta...<sup>41</sup>

Cezare Lombroso, Gabineau, Franz Joseph Gall, Gustave Le Bon foram os intelectuais que inspiraram os escritores naturalistas. Em resumo, postulavam um determinismo biológico na explicação de fenômenos sociais e psicológicos. Na época, o debate entre a intelectualidade brasileira girava em torno da formação de nosso povo. Essas teorias de cunho racista, de uma forma geral, se voltaram contra as populações negras e mestiças procurando explicar a causa do atraso de um país através de qualificações depreciativas sobre a raça negra e aos mestiços.<sup>42</sup>

Lília Schwarcz afirma que essas teorias foram muito populares entre os intelectuais do segundo quartel do século XIX, servindo como paradigma de praticamente todos os grandes centros de pesquisa e ensino do país. Elas acabavam por justificar as diferenças sociais alarmantes do país como se fossem naturais, nascidas de caracteres biológicos da raça. Era como se o fato de os negros serem

---

<sup>40</sup> *Idem*, p. 170

<sup>41</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário...*, *op. cit.*, p. 160

<sup>42</sup> CORRÊA, Marisa. *As Ilusões da Liberdade: a Escola da Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): EDUSF, 1998.

pobres, morar em cortiços, viver de expedientes pouco confessáveis, se devesse não a uma herança histórica e cultural de exclusão e exploração, mas a uma característica biológica presente no próprio biótipo da raça negra. Daí a popularização de ramos da ciência como a frenologia e craniologia, que consistiam no estudo da fisionomia do indivíduo com o intuito de entender características psicológicas. Enfim, “o que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas de práticas imperialistas de dominação.”<sup>43</sup>

## *Civilização, natureza e cultura*

Na obra de Adolfo Caminha o campo é normalmente representado como lugar da pureza, da calma, da ingenuidade e da honestidade, em contraponto a um mundo urbano, para ele cada vez mais hostil. O que o autor nos oferece é uma *estrutura de sentimentos* acerca das cidades do século XIX. Lugar da ciência, do saber, da técnica, da luz, as cidades eram também o lugar da vertigem, do tédio, da solidão e do alvoroço. O escritor tem um paradigma comparativo entre as cidades do século XIX. Ele compara a metrópole à província, detalhando e ponderando sobre os modos de vida na cidade grande e na pequena; matizando ao longo de sua trajetória suas visões a partir da experiência nesses espaços.

Se concordarmos com Norbert Elias, o termo civilização era empregado pelos escritores brasileiros englobando também a acepção *Kultur*, proveniente do alemão. De um lado, clamavam por um aprofundamento do seu processo civilizatório, alardeando a necessidade de um maior desenvolvimento das ciências e da indústria, da correção e abrandamento de nossos costumes bárbaros. Por outro, viam na civilização um fenômeno exterior e superficial, uma aparência que suprime um ser mais essencial e verdadeiro.<sup>44</sup>

Encontra-se aí um paradoxo que atravessou o pensamento social brasileiro e que foi fundamental na sua consciência nacional. O país deveria progredir a estágios mais avançados, tendo como reflexo os países europeus, sobretudo a

---

<sup>43</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>44</sup> ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

França. Deveria civilizar-se. Mas a civilização é em maior parte identificada como sinal de decadência e superficialidade. O meio urbano e civilizado, como desenhado por um sem número de romances oitocentista, é o lócus por excelência de relações mundanas e degeneradas, onde sobressaem relações ditadas pelo interesse vil e comportamento dissimulado. A civilização é, em síntese, uma sociedade de aparências.

Como afirma Lucia Lippi Oliveira:

O mundo moderno comporta duas grandes avaliações sobre seu progresso. Uma delas o interpreta como a vitória da luz, do saber, do conhecimento e da verdade sobre as trevas, a superstição, a ignorância e o erro. A outra vê a história como um processo de declínio, de decadência moral do homem. Para a primeira a história do Ocidente significou um avanço da igualdade e da racionalidade. Para a segunda, as conseqüências do progresso foram muito pesadas, incluindo a anomia, a alienação.<sup>45</sup>

Tensionado por experiências tão novas na cidade-metrópole, Adolfo Caminha lembra-se do campo. Este lhe surgiu idealizado como um refúgio da civilização, como antítese à sua decadência moral. Navegando pelo interior dos Estados Unidos, depois da exposição extasiante ao ritmo frenético da vida moderna, ele avista de sua janela alguns camponeses e admira-se com a tranqüilidade de sua vida. Nesse momento, ele afirma: “invejava os simples, os sertanejos, os homens do campo – esses para quem a vida corre sempre calma, porque o seu coração não conhece outro amor senão o da esposa e dos filhos...”<sup>46</sup>

O povo simples do sertão confunde-se com a própria natureza. Rusticidade, ingenuidade, pureza são atributos que Adolfo Caminha, entre outros intelectuais, dava ao povo do campo, no sentido contrastar com ao processo de degenerescência do processo civilizador. Esse homem que se encontrava longe dos centros urbanos, era natural. Segundo Lippi Oliveira: “A infância, o homem primitivo e o povo constituem as fontes primeiras, as raízes, as partes mais nobres do ser humano e da humanidade. A infância de cada indivíduo é equiparada à infância do gênero humano.”<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 35

<sup>46</sup> CAMINHA, Adolfo. *Tentação...*, *op. cit.*, p. 138

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Op. cit.*, p. 36

Por outro prisma, a natureza e a *kultur* caminham paralelas, mas contrárias a noção de civilização. A natureza brasílica condicionou à formação da nação brasileira, e esta se encontra ameaçada pelo processo civilizador. Mas a civilização, entendida como progresso técnico científico, era fundamental para o que Adolfo Caminha ser a evolução do país.

Portanto, tratava-se de incorporar e acompanhar o nível de progresso advindo com a civilização e encontrar no homem simples do sertão, portador da cultura, e na força regeneradora da natura brasileira, o antídoto contra o que ao autor percebia como a degenerescência subjacente ao processo civilizador.

## *Considerações Finais*

Esses valores contrastantes representam, sem dúvida, um tensionamento frente ao novo modo de vida que representava a cidade e uma nova gama de valores atribuídos ao campo, nesse século convulso de transformações alucinantes. Se, por um lado, aquela representa o progresso, as conquistas tecno-industriais, o trânsito mais acelerado de idéias e valores, propiciando um ambiente cultural mais rico e efervescente, por outro – para a sensibilidade do escritor – algo parece ter se perdido: a simplicidade de um mundo estável e de valores essenciais, a identidade entre os habitantes de uma mesma comunidade e a possibilidade de uma compreensão dos laços que ligam os seres humanos.

Esse é um drama contumaz que acompanha o escritor em toda a sua obra. Recorrer ao campo como um refúgio dos dramas e dilemas citadinos, projetando uma paisagem edênica à qual sempre se retorna em lembrança, ou concretamente, é admissível como uma sensibilidade própria do escritor. O que é inadmissível é corroborar com o autor, aceitando a idéia de que o campo é realmente um espaço de relações éticas e afetivas, isento de diferenças e contradições.

O que se adquire com essa posição, como nos diz Williams, é a perspectiva da boléia. Ou melhor, atribuir uma miríade de qualidades ao campo, idealizando-o como o lugar da pureza, da ingenuidade, das relações verdadeiras e éticas, a ele opondo a cidade com toda sorte de falsidades, hipocrisias, maldades, é uma perspectiva de quem está numa certa posição, de quem está no campo a passeio. Não é toda uma realidade do campo que está aí exposta, e sim uma realidade bem

selecionada pelo olhar de quem está no campo para passar uma temporada, para encontrar descanso ou inspiração poética no contato com a *natura*.<sup>48</sup>

Adolfo Caminha nos oferece a visão de um processo de estandarização dos modos de vida muito interessante. Afinal num período de expansão do capitalismo, em sua fase imperialista, partes do mundo que passaram a ter um contato mais incisivo com ele – e o trem foi o veículo que acelerou vertiginosamente esse processo– tenderam a amoldar-se de forma impressionante.

O consumo de modas, de imagens, de letras, entre outros produtos, e a vontade de se adequar ao mundo burguês em estilo, em comportamento, em visão de mundo, como requisito e atestado de que, desta forma, se estava ganhando em termos de civilização e progresso, deve ser submetido à dura crítica. O autor a fez de forma admirável. O problema é que em oposição a esse mundo burguês, que devia e deve ser superado, o autor idealiza uma realidade do campo em que ele se colocava numa posição muito cômoda, a de quem queria ver preservado o campo porque ali poderia colocar-se longe do mundanismo citadino. A estrutura social do campo, injusta e desigual, em nenhum momento é questionada. Esse, definitivamente, não é um sonho rural, mas um sonho pequeno burguês: possuir uma vivenda no campo onde é possível gozar umas férias.

---

<sup>48</sup> WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

